



**LÍNGUAS  
INDÍGENAS**

## BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA DOS ÍNDIOS VISTOS POR CABRAL

Aryon Dall'Igna Rodrigues<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Na primeira seção deste artigo são apresentados resumidamente alguns fatos históricos bem conhecidos sobre a chegada e o estabelecimento dos portugueses há 500 anos no Brasil e algumas informações mais especializadas sobre as duas línguas, a Tupinambá e sua irmã a Tupí, com que eles entraram em contacto no início da colonização, assim como sobre a conversão destas línguas gerais dos mamelucos. A segunda seção faz breve histórico da documentação sobre os primeiros registros históricos e descrições gramaticais do Tupinambá e do Tupí. A terceira seção oferece pequena amostra das palavras dessas línguas que sobrevivem incorporadas ao Português brasileiro. A última seção dá os títulos de alguns livros e artigos em que foi discutida a situação do Tupinambá e do Tupí nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil.*

**Palavras-chave:** *Língua Tupinambá, língua Tupí, documentação lingüística, línguas gerais.*

**ABSTRACT:** *The first section of this paper presents a summary of some of the well-known historical facts on the Portuguese's arrival and settlement in Brazil, 500 years ago, and some specialized information on the two indigenous languages they came into contact with at the beginning of the colonization - the Tupinambá and Tupí and the conversions of the Mamaluke languages. The second part presents a brief documental history of the first records and grammatical descriptions of the two languages. The third section offers a small glossary of the languages which have incorporated into Brazilian Portuguese. Finally, some titles of books and articles in which the Tupinambá and Tupí languages of the first centuries following colonization are discussed.*

<sup>1</sup> Ph.D. pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Professor Pesquisador Associado Sênior no Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília. E-mail: aryon@unb.br

*Keywords: Tupinambá language, Tupí language, and linguistic documentation, general languages.*

### **I. Resumo da história.**

Há 500 anos Pedro Álvares Cabral aportou, com sua frota, em Porto Seguro, na costa sul da Bahia, à vista do morro que ele chamou de Monte Pascoal. Essa região pertencia então aos índios Tupinaquins (também chamados Tupiniquins), os quais foram descritos pelo escrivão da frota Pero Vaz de Caminha. Mas este, apesar da recepção amigável dos Tupinaquins, não pôde registrar o nome deles, porque falavam uma língua para ele desconhecida, diferente de todas que sabiam os tripulantes das naus portuguesas.

Ao partir, apenas doze dias depois da chegada, Cabral decidiu deixar dois homens em terra para viverem com os Tupinaquins e aprenderem sua língua. Na ocasião, dois marinheiros decidiram, por conta própria, não comparecer ao embarque e também ficaram na terra dos Tupinaquins. Mas depois nunca mais os portugueses tiveram notícia de nenhum dos quatro.

Só mais de trinta anos depois da vinda de Cabral é que o governo português decidiu mandar gente para viver no Brasil. Em 1532 Martim Afonso de Sousa fundou a primeira vila de portugueses, São Vicente, na costa de São Paulo; em 1534 foi fundada a vila de Porto Seguro na região em que tinha chegado Cabral; em 1535, a vila de Igarçu e em 1536 a de Olinda, as duas em Pernambuco, e nesse mesmo ano a de Ilhéus, na Bahia; mas Salvador, que veio a ser a sede da colonização portuguesa, foi fundada só em 1549, praticamente 50 anos depois da visita de Cabral. Os índios da região de Salvador eram os Tupinambás e os da costa de Pernambuco eram os Caetés. Uns e outros falavam a mesma língua que os Tupinaquins. Mas os que viviam na costa de São Paulo, onde foi fundada São Vicente, eram os Tupis, de língua parecida, mas um pouco diferente da dos Tupinambás.

Tupinambás eram também os índios do Rio de Janeiro, mas a primeira vila ali foi fundada por franceses em 1555. Estes deram início a um projeto de colonização chamado França Antártica e aí conviveram com os Tupinambás, dos quais muitos aprenderam a língua. Os portugueses acabaram expulsando os franceses, mataram quase todos os Tupinambás, despovoando o Rio de Janeiro, e aí fundaram, em 1565, a cidade de São Sebastião, atual Rio de Janeiro. O nome que os portugueses davam aos Tupinambás do Rio de Janeiro era Tamoios, adaptado do nome que a eles davam

os Tupis de São Vicente. Também eram Tupinambás os índios que viviam na costa do Maranhão e do Pará, mas lá os portugueses só foram estabelecer-se mais de cem anos depois da vinda de Cabral. Também aí foram precedidos pelos franceses, que em 1612 fundaram São Luís e deram início a novo projeto de colonização, a França Equinocial. Igualmente aí muitos franceses aprenderam a língua tupinambá. Mas os portugueses não tardaram em atacá-los e expulsá-los, já em 1615, tendo ficado com a vila de São Luís, que hoje é a capital do estado do Maranhão. No ano seguinte fundaram na entrada do Amazonas o Forte do Presépio de Nossa Senhora de Belém, que deu início à cidade de Belém, hoje capital do Pará.

Nos muitos anos que se passaram entre o descobrimento de Cabral e a fundação das primeiras vilas portuguesas, diversos navios portugueses e de outros países europeus vieram visitar a costa brasileira. Alguns homens acabaram ficando e vivendo entre os índios. Estes aprenderam a língua do povo com que ficaram. Esse foi o caso de João Ramalho, que estava vivendo entre os Tupis e que ajudou Martim Afonso na fundação de São Vicente e que, por ordem deste, fundou uma outra vila um pouco para o interior de São Paulo, a de Santo André. Também foi o caso de Diogo Álvares Correia, que estava vivendo entre os Tupinambás da Bahia com o nome de Caramuru e ajudou Tomé de Sousa, o primeiro governador geral nomeado pelo rei de Portugal, a fundar a vila de Salvador.

Os portugueses que vieram morar no Brasil nos primeiros anos depois da fundação das vilas eram em sua maioria homens desacompanhados de mulheres, sobretudo aventureiros que vinham tentar a sorte ou condenados da justiça, que eram embarcados à força para uma terra desconhecida. Aqui passaram a viver com mulheres indígenas e a ter filhos mestiços, então chamados mamelucos em português. Nos séculos XVI e XVII esse processo de mestiçagem foi mais intenso nos extremos da área de colonização portuguesa, que eram São Vicente ao sul e Maranhão e Pará ao norte, do que nas áreas mais centrais e mais próximas do centro administrativo que era Salvador. Nas áreas centrais dois fatores principais contribuíram para reduzir a mestiçagem: (1) a rápida redução da população indígena, em parte exterminada pelas guerras que lhes moveram os governantes portugueses, em parte mortas pelas grandes epidemias de doenças européias, como a varíola, a gripe e a pneumonia, a tuberculose, etc., contra as quais os organismos indígenas não tinham desenvolvido anticorpos; e (2) o aumento da imigração de casais já formados e a introdução de grandes quantidades de órfãs portuguesas para casar com os colonos solteiros.

Essa diferença entre as áreas centrais e os extremos teve conseqüências importantes para a língua dos descendentes de portugueses no Brasil. Nas áreas centrais, embora os primeiros colonos tenham tido de aprender, bem ou mal, a língua tupinambá, logo o português foi-se tornando a língua comum dos colonos. Mas desde o início (a partir de 1534, fundação de Porto Seguro) este português falado pelos colonos ficou fortemente marcado pelo vocabulário da língua tupinambá, tendo incorporado a maior parte da nomenclatura para as coisas próprias do Brasil, então completamente desconhecidas na Europa. Não só nomes de animais e plantas, mas também de objetos e atividades culturais aprendidas com os índios e mesmo de atividades já antes conhecidas pelos portugueses.

Na Capitania de São Vicente logo o número de mamelucos, isto é, de filhos de homens portugueses com mulheres tupis, se tornou tão grande, que a língua que foi o Tupí, que era a língua materna deles. Essa situação continuou mesmo quando as uniões já eram predominantemente entre mamelucos e mamelucas. Durante todo o século XVII e boa parte do XVIII. Embora muitos homens se tornassem bilíngües, aprendendo também o português, grande parte deles e a maioria das mulheres e crianças só falavam a língua herdada das mães e avós tupis. Mas com o tempo e com o desaparecimento dos índios puros, a língua tupi foi-se alterando, incorporando palavras do português, e passou a ser chamada *língua geral*. Hoje nós a chamamos *Língua Geral Paulista* (LGP), para diferenciar de outra língua geral que surgiu no norte. Os bandeirantes, que eram quase todos mamelucos, falavam a LGP e, em suas expedições, as bandeiras, levaram o uso dela para os novos territórios que foram conquistando, em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná. Só a partir da metade do século XVIII, com o maior afluxo de portugueses ou de brasileiros das áreas em que só se falava o português, é que este passou a ser mais falado e a suplantar a LGP, primeiramente nas cidades maiores (São Paulo, Santos), depois mais e mais no interior. Os últimos falantes da LGP devem ter morrido no início do século XX.

Situação análoga se deu no norte, no Maranhão e Pará, onde também, de início, se formou um grande contingente de mamelucos, que tiveram como língua materna o Tupinambá. Esta também se diferenciou aos poucos da que falavam os índios puros e também passou a ser chamada em português de *língua geral*. Hoje a chamamos *Língua Geral Amazônica* (LGA). Os mamelucos do norte é que foram empregados pelos dirigentes portugueses para penetrar na Amazônia, seja como soldados das tropas que iam combater as tentativas de ingleses, holandeses e franceses de manter comércio com os povos indígenas ou combater e conquistar

esses mesmos e outros povos, seja como colonos e trabalhadores das missões religiosas que os padres portugueses começaram a fundar entre índios amazônicos. Com os mamelucos (ou caboclos) a LGA se tornou a língua da colonização da Amazônia portuguesa. Ela teve predomínio quase absoluto nos séculos XVII, XVIII e primeira metade do XIX, tendo se estendido até as fronteiras com o Peru, a Colômbia e a Venezuela. Só então começou o seu declínio em favor do português. Mas ela ainda hoje é falada no noroeste do Amazonas e também no sudeste da Colômbia e no sudoeste da Venezuela.

Essa a história da língua Tupinambá, falada pelos índios Tupinaquim encontrados por Cabral, e da sua parente próxima, a língua Tupí, com que entraram em contacto os primeiros colonos portugueses, em São Vicente. É preciso lembrar, entretanto, que se calcula que no início do século XVI haveria no território que hoje é do Brasil cerca de 1.200 línguas, faladas por alguns milhões de índios. Hoje sobrevivem em nosso território cerca de 180 línguas indígenas e cerca de 240.000 índios. Umhas 30 das línguas ainda faladas são parentes próximas do Tupí e do Tupinambá e constituem a família linguística Tupí-Guaraní. Outras pertencem a nove outras famílias que têm parentesco mais remoto com a Tupí-Guaraní (Arikém, Aweti, Juruna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puruborá, Ramarama e Tuparí) e juntas formam o tronco linguístico Tupí. Há um outro conjunto de doze famílias que constituem outro tronco, o Macro-Jê (famílias Borôro, Guató, Jê, Kamakã, Karajá, Kariri, Krenak, Maxakalí, Ofayé, Puri, Rikbaktsá e Yatê, mas das famílias Kamakã, Karirí e Purí já não há mais nenhuma língua falada). Além desses dois troncos há mais vinte outras famílias independentes deles, algumas delas hoje com uma só língua.

## II. A documentação das línguas Tupí e Tupinambá.

As primeiras palavras documentadas da língua Tupinambá foram colhidas na baía de Guanabara em 1519 por Antonio Pigafetta, o cronista italiano da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães. Trata-se de apenas cinco ou seis palavras numa pequena lista de doze, seis das quais foram equivocadamente atribuídas ao Brasil («*Alguni vocabuli de questi populi de Verzin*»), mas que são de uma língua da família linguística Aruak nas Grandes Antilhas (as palavras para 'rei' - *cacich*, 'casa' - *boi*, 'cama' - *hamac*, 'barco' - *canoe*, 'milho' - *maiz*, e talvez também 'bom' - *tum*). As palavras do Tupinambá são as seguintes: 'faca' - *tarse* (realmente *itákysé* 'faca de metal'), 'tesoura' - *pirame* (realmente *pirāja*, pronunciado

*pirãnha*), ‘anzol’ - *pinda* (realmente *piná*, pronunciado *pindá*), ‘farinha’ - *hui* (realmente *u’í*) e, talvez, também a palavra para ‘pente’ - *chipag*, talvez por *chigap* (realmente *ky’waß*, pronunciado *ky’gwap*). Há uma sexta palavra, sobre a qual à primeira vista se poderia ter dúvida: ‘guizos’ - *hanmaraca*. Em Tupinambá *maraká* é ‘chocalho’, mas em línguas das famílias Karib e Aruak das Antilhas e da costa caribenha ocorre também *maráka* com o mesmo sentido (de onde o espanhol centro-americano *maraca*): onde teria Pigafetta registrado esse nome, já que sua pequena lista de palavras mistura Guanabara e Antilhas. Entretanto, há versões do escrito do cronista italiano em que aparecem as variantes *itemnaraca*, *itenmaraca* e *itanmaraca* (edição Denucé, Antuérpia/Paris, 1923, citada por G. Friederici, *Amerikanistisches Wörterbuch*, Hamburgo, 1947, p. 392), as quais deixam claro que se trata mesmo da língua dos Tupinambá, visto que estes passaram a chamar *itámaraká*, literalmente ‘maracá de metal’, aos guizos de latão trazidos pelos europeus como mercadoria de troca.

As cinco ou seis palavras registradas por Pigafetta não constituem, é claro, um vocabulário, mas são apenas os nomes dados pelos Tupinambá aos artigos de troca trazidos pelos europeus e mais o nome do alimento básico que estes obtinham em troca para a continuação de sua viagem, a farinha de mandioca. Já se pode chamar de vocabulário, entretanto, o segundo documento que sobreviveu até hoje, de autoria de um francês e provavelmente colhido também na Guanabara. Trata-se de uma lista de 88 palavras da «*langaige du bresil*». O volume manuscrito em que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris provém da década de 1540 e contém, além desse vocabulário, um outro de uma língua africana e um tratado náutico (D. Dalby & P. E. H. Hair, ‘Le langaige du Bresil’, *Transactions of the Philological Society* 1966, pp. 42-66). Além dos nomes de bens de comércio, esse vocabulário inclui alguns nomes de animais e de elementos da natureza, nomes das partes do corpo, termos de parentesco e alguns elementos de conversação (p. ex.: ‘sim’, ‘não’, ‘como vai?’, ‘vou bem’, ‘estou doente’, ‘quero comer’, ‘me dê’, ‘como é teu nome?’, etc.). Das palavras registradas por Pigafetta ele traz ‘faca’ - *taxe* (*itákysé*), ‘tesoura’ - *pyrain* (*pirāj*: os franceses em geral registraram os nomes sem a terminação *-a*, que é um sufixo casual). Para as palavras antilhanas incluídas na lista de Pigafetta temos as correspondentes em Tupinambá: ‘rei’ - *marbicha* (*morußisáß*, pronunciado *morußiçáp*), ‘bom’ - *ygastou* (*ikatú*, literalmente ‘é bom’), ‘milho’ - *amaty* (*aßatí*).

Em 1557 foram publicados os dois primeiros livros específicos sobre o

Brasil, um na Alemanha e o outro na França. O primeiro deles é o de Hans Staden, o artilheiro da Guerra dos Trinta Anos que embarcou numa expedição espanhola de circum-navegação e naufragou na costa de Santa Catarina, de onde subiu a pé pelo litoral até São Vicente, foi colocado pelos portugueses como artilheiro do forte de Bertioga, aí foi raptado pelos Tupinambá que faziam incursões contra os Tupí e os Portugueses e ficou longo tempo como seu prisioneiro destinado à cerimônia antropofágica, ouvindo e falando só a língua Tupinambá. Quando em São Vicente, as línguas que ouvia eram o Português e o Tupí; mas o escravo que os portugueses lhe deram para ficar com ele no forte de Bertioga era um Karijó, que falava Guaraní antigo. Em seu livro Staden dá alguns nomes em Tupí e muitos outros em Tupinambá, inclusive algumas frases, como aquela que ele teve de proferir quando chegava à aldeia de Ubatuba: "Aqui vem a futura comida de vocês!" As palavras registradas por Staden são importantes porque, escritas segundo os hábitos do dialeto alemão que ele falava e escrevia, nos dão um testemunho sobre os sons da língua Tupinambá que nos permite interpretar melhor os abundantes escritos depois produzidos pelos portugueses. O mesmo se pode dizer da escrita do Tupinambá pelos franceses.

O livro francês do mesmo ano de 1557 é *Singularidades da França Antártica*, do padre francês André Thévet, que, na qualidade de cosmógrafo real da França, visitou a colônia que dois anos antes tinha sido fundada na Guanabara por Villegaignon. Mais tarde, em 1575, publicou outro livro, a *Cosmografia Universal*, em que também trata detidamente da terra dos Tupinambá. Ambos os livros são muito ricos na reprodução de nomes de animais, de plantas, de coisas e de lugares em Tupinambá da Guanabara. No segundo livro, além disso, reproduziu Thévet os textos do pai-nosso, da ave-Maria e do credo católico, traduzidos para o Tupí por missionários portugueses e obtidos de um índio prisioneiro dos Tupinambá. Esta foi a primeira publicação de textos de catequese na língua indígena, já que o catecismo composto pelos jesuítas portugueses foi publicado só em 1618.

Em 1578 outro livro francês foi publicado, a *História de uma viagem feita à terra do Brasil*, por Jean de Léry, um calvinista dissidente de Villegaignon, o qual produziu uma das descrições mais detalhadas dos usos e costumes dos Tupinambá da Guanabara, com grande riqueza de nomenclatura na língua desses índios. O que é mais importante em seu livro para o conhecimento da língua é o capítulo que ele intitulou "Colóquio da chegada à terra do Brasil entre um Francês e um Tupinambá", um extenso texto em "língua selvagem" com tradução francesa, no qual podemos distinguir três componentes: (a) um manual de conversação dialogado

para uso dos franceses recém-chegados, (b) um discurso de um líder indígena aos moradores de sua oca, sobre a cooperação com os franceses, e (c) informações gramaticais sobre a língua, inclusive sobre a conjugação dos verbos. Trata-se da primeira reprodução da fala dos Tupinambá e das primeiras observações gramaticais publicadas sobre ela.

A obra mais importante publicada no século XVI sobre a língua Tupinambá foi a gramática do padre José de Anchieta, impressa em Coimbra em 1595, sob o título *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*. Essa gramática tem uma história que só aos poucos tem sido percebida. Anchieta aprendeu inicialmente a falar a língua dos Tupí de São Vicente e Piratininga, junto aos quais passou os seus primeiros dez anos no Brasil, antes de ir para a Bahia completar os estudos para tornar-se sacerdote e só então entrar em contacto com a língua dos Tupinambá. Contudo, já em 1565, cinco anos antes de deixar Piratininga, já tinha escrito a gramática, que foi levada em manuscrito para o colégio da Bahia a fim de aí ser utilizada no ensino aos padres e irmãos jesuítas. Como havia diferenças entre o Tupí dessa primeira versão da gramática e a língua falada pelos Tupinambá, devem ter sido feitas adaptações, antes e/ou depois da chegada de Anchieta à Bahia, de modo que, ao ser publicada, em 1595, não apresentava mais a fala dos Tupí, mas essencialmente a dos Tupinambá, embora alguns traços daquela tenham escapado à revisão.

Outra gramática do Tupinambá foi feita no século XVII pelo padre Luís Figueira, a *Arte da língua brasilica*, impressa pela primeira vez Lisboa em 1621, mas logo consumida quase completamente por um incêndio na própria tipografia, e reimpressa só em 1687. *Língua brasilica* é o nome que os jesuítas portugueses e brasileiros passaram a dar à língua Tupinambá no fim do século XVI e no século XVII. A gramática de Anchieta ainda não trouxe esse nome, mas, como vimos acima, foi publicada como *da língua mais usada na costa do Brasil*, uma expressão descritiva apropriada para distingui-la do Tupí de São Vicente e Piratininga, que, embora falado também na costa, estava limitado à Capitania de São Vicente, ao passo que o Tupinambá se estendia do Rio de Janeiro até o Nordeste, conforme disse Anchieta na própria gramática (e ainda além, até à boca do rio Amazonas, onde os portugueses ainda não tinham chegado no século XVI). Embora tendo feito sua gramática originalmente para a língua Tupí de São Vicente e Piratininga, optou por mudá-la para a língua mais usada na costa, a que hoje chamamos Tupinambá.

Além das duas gramáticas dos jesuítas e das notas gramaticais do francês Jean de Léry, publicadas nos séculos XVI e XVII, foi publicado também, em 1618,

o *Catecismo na língua brasílica*, com umas 270 páginas de texto exclusivo em Tupinambá (mais as páginas de rituais em latim e as de instruções para os padres em português), o qual teve uma segunda edição em 1686, logo seguida, em 1687, pela publicação de outro pelo padre luxemburguês Joam Phelippe Bettendorff. As línguas Tupinambá e Tupí são hoje conhecidas também com base em numerosos documentos que não foram publicados em sua época, mas se conservaram em manuscrito e foram editados só no século XX: o dicionário Português-Tupinambá dos jesuítas, publicado com base numa cópia manuscrita de 1621, intitulada *Vocabulário na língua brasílica*; um vocabulário dos nomes das partes do corpo humano, de autoria do padre Pero de Castilho e datado de 1613; dois outros catecismos, escritos por Anchieta, o *Diálogo da Fé* e a *Doutrina Cristã*, ambos em Tupí, e a grande coleção de poemas líricos e de autos dramáticos compostos por Anchieta, a maioria em Tupinambá e alguns em Tupí.

### III. Sobrevivência do Tupinambá no Português do Brasil.

Como os primeiros colonos portugueses tiveram de relacionar-se com os Tupinambá e com os Tupí e com eles aprender as características do novo meio ambiente, deles aprenderam a maior parte da nomenclatura da fauna, da flora e dos lugares, mas também, em menor grau, de usos e costumes próprios da cultura indígena, que foram adotados pelos mamelucos e mesmo pelos puros portugueses. São muito numerosos os nomes tupinambás ou tupís de animais e de plantas incorporados à língua portuguesa e mais numerosos ainda os nomes de lugares, os topônimos, aos quais se acrescentam ainda alguns adjetivos e verbos. A seguir, uma amostra de alguns dos mais comuns (o Português do Brasil tem também palavras oriundas das duas línguas gerais, sobretudo da amazônica, assim como de algumas outras línguas indígenas não aparentadas com o Tupí e o Tupinambá, mas essas não são objeto deste artigo):

#### Nomes de animais

Mamíferos: *caietu*, *capivara*, *cutia*, *guará*, *guariba*, *jaguarica*, *paca*, *preá*, *quati*, *sagüí*, *suçarana*, *taiacu*, *tamanduá*, *tamanduá-mirim*, *tatu*, etc.

Répteis: *boicininga*, *boipeva*, *caninana*, *cururu*, *jabuti*, *jacaré*,

*jararaca, jibóia, muçurana, sucuri, surucucu, teju, urutu, etc.*

Aves: *anu/anum, araponga, arara, canindé, graúna, jaburu, jaçanã, jacu, jacutinga, jandaia, japu, juriti, macuco, maguari, maracanã, mutum, sabiá, saracura, seriema, socó, tangará, tié, tucano, uru, urubu, urutaul, etc.*

Peixes: *acará/cará, baiacu, cará, caranha, jaú, lambari, mandi, muçum, paratí, piaba, piramutaba, piranha, piracanjuba, pirarucu, puraquê, traíra, etc.*

Crustáceos e moluscos: *aratu, guaiamum, sernambi, siri, sururu, uçá, etc.*

Insetos: *butuca/mutuca, cupim, enxu, içá, jati, mamangaba/mamangava, mandaçaia, mangangá, maruim, muriçoca, muquirana, piúm, quenquém, saúval, etc.*

### **Nomes de plantas**

Palmeiras: *buriti/miriti, carnaúba, indaiá/inajá/anajá, jerivá, jiçara/juçara, pindoba, tucum/tucumã, ubim, etc.*

Árvores: *cambuí, copaíba, embaúba/imbaúba, ingá, ipê, jaborandi, jacarandá, jatobá, jequitibá, oiti, sapucaia, etc.*

Frutos e fruteiras: *ananás, araçá, araticum, bacupari, cajá, caju, guabiroba, jabuticaba, jenipapo, mamão, mangaba, maracujá, piqui, pitanga, pitomba, etc.*

Outras plantas alimentícias: *aipim, caruru, macaxeira, mandioca, taiá, taioba, etc.*

Outras plantas: *capim, cipó, embira, gravatá, mandacaru, samambaia, sapé, taquara, timbó, uvá, etc.*

### **Outros nomes**

Elementos da natureza ou da paisagem: *caatinga, capão, capoeira, igapó, picumã, tembé, voçoroca, etc.*

Objetos culturais: *arapuca, buraçanga, cuiá, jirau, maracá, moquém, mundéu, oca, peteca, puçá, samburá, taba, tapera, tipiti,*

*tipóia, tocaia, uru, urupema/urupemba, etc.*

Alimentos preparados: *beiju, mingau, moqueca, pamonha, pipoca, paçoca, pirão, tapioca, etc.*

### Adjetivos e verbos

Adjetivos: *caipora, jururu, mirim, pixaim, puba, sapeca, etc.*

Verbos: *catingar, cutucar, moquear, pererecar, pipocar, sapecar, socar, tinguijar, etc.*

### Topônimos

Nomes de estados: *Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Sergipe.*

Nomes de cidades: *Acaraú, Comandatuba, Icaraí, Igarassu, Itaguaí, Itaoca, Itapemirim, Itapessuma, Itaporanga, Itaúnas, Jacaraípe, Mangaratiba, Muriquim, Niterói, Sepetiba, Tejucoapo, Trairi, etc.*

Nomes de rios e lagoas: *Beberibe, Camurupim, Capibaribe, Cunhaú, Guarajuba, Genipabu, Itapicuru, Jacuípe, Jaguaribe, Jaguaripe, Jequiá, Mucuri, Mundaú, Paraguaçu, Parnaíba, Pirangi, Piratininga, Potengi, Uma, etc.*

Nomes de ilhas: *Boipeba, Cajaíba, Itamaracá, Itaparica, Paquetá, etc.*

Nomes de praias: *Grauçá, Guaibim, Guaratiba, Icaraí, Ipanema, Itacimirim, Itacoatiara, Jacarecica, Jatiuca, Jericoacoara, Maracajaú, Mucuripe, Paripueira, Piracanga, Tassimirim, Upanema, etc.*

**IV. Alguns estudos relevantes para a história das línguas Tupí e Tupinambá:**

ANCHIETA, Joseph de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição facsimilar. Editora Anchieta: São Paulo, 1990.

EDELWEISS, Frederico G. *Estudos tupis e tupi-guaranis*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.

FIGUEIRA, Luiz, 1878. *Grammatica da lingua do Brasil*. Edição facsimilar da *Arte de grammatica da lingua brasilica*, por Julius Platzmann. Teubner, Leipzig.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Edição facsimilar. Droz, Berna, 1975.

RODRIGUES, Aryon D. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Tese de doutorado, Universidade de Hamburgo, 1959.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon D. As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4(2):6-18. Brasília: UnB/Thesaurus, 1996.

RODRIGUES, Aryon D. Descripción del Tupinambá en el período colonial: el Arte de José de Anchieta. In: Klaus Zimmermann (org.), *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt:Vervuert / Madri: Iberoamericana, 1997.

RODRIGUES, Aryon D. O conceito de língua indígena no Brasil: os primeiros 100 anos (1550-1650). *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* 1:59-78. Campinas: Pontes, 1998.